



Figura 69 – Simetrias e Arquitetura (3) Corredor: Editora, Laboratório de Sites, Lojinha e Alojamentos



Figura 70 – Simetrias e Arquitetura (4)

7.4 TORNAR-SE MEMBRO DA CASA GRANDE

Enquanto ainda se é criança em Nova Olinda o dia a dia se preenche fazendo mandados, ajudando ou sendo responsável pelos afazeres domésticos (para as meninas), ajudando no comércio ou na roça (para os meninos) e, entre uma coisa e outra, brincando e freqüentando a escola.

Nesse contexto, a Casa Grande funciona em Nova Olinda como uma espécie de ponto de encontro, como ruas, ruelas e becos para a periferia dos grandes centros urbanos, num misto de espaço público-privado. As crianças sabem que lá vão encontrar outras crianças, e que alguma coisa vai estar acontecendo: as brincadeiras que surgem, um ensaio da banda, quem sabe algum evento com pessoas de fora, algum turista visitando, um filme, tem a *gibiteca*⁷⁰ à disposição... O fato é que durante todo o dia circulam muitas crianças da cidade, além dos “meninos da Casa Grande”, que vão à Fundação se encontrar para fazerem algo divertido e interessante. Não importa o que seja, o que importa é que algo vai acontecer e se estará lá para participar: a Casa Grande é um **espaço de interação**.

É desse modo espontâneo de aproximação que, com o tempo e aos poucos, as meninas e meninos mais velhos vão percebendo os freqüentadores assíduos, aqueles que vêm com freqüência e acabam se envolvendo, além das brincadeiras, com os afazeres do cotidiano da Fundação. É pela maneira como se envolvem e pela forma como partilham dos afazeres comuns que os mais velhos, criteriosamente, passam a selecionar as crianças (sendo necessário o aval de Alembert), que, na verdade, já haviam sido selecionadas espontânea e livremente pelo simples desejo expresso nas ações cotidianas de estarem envolvidas. Indaguei mais de um “menino da Casa Grande” acerca de qual critério de seleção se opera ali, isto é, quando um menino ou uma menina é *reconhecido* como sendo um “menino da Casa Grande”, como costumam dizer. Antes da resposta sempre houve um desconcerto, uma dificuldade de

⁷⁰ Biblioteca de gibis.

falar a respeito, no sentido em que teria que se falar do mais óbvio, do mais constitutivo da experiência de ser um “menino da Casa Grande”, do mais próximo.

Tem menino que no momento que chega a gente já diz. Parece que se encaixa assim... É uma coisa assim que a gente só foi perceber depois de muito tempo. Menino que parece que a casa dele é aqui [...] Eu sei o que é, mas não sei explicar. (informação verbal⁷¹).

Após algum embaraço, e respostas como a de Mães “é só olhar que você já sabe que é”, pude compreender que a seletividade começa na auto-obrigação que a criança se coloca com o objetivo de conseguir realizar o desejo de fazer parte da Casa Grande. Em princípio seria a própria criança que *escolhe* ser selecionada. A possibilidade de escolher não significa que as crianças sejam *livres* para tanto, pois de algum modo foram pré-selecionadas por uma série de determinações morais e cognitivas advindas, por exemplo, dos hábitos familiares. Entretanto, se ela *quer*, ela coloca sua sensibilidade a serviço de seu objetivo, e durante os dias que ali está precisará manter uma *atenção distraída* para as regras de pertencimento àquela comunidade: compreender o que ali qualifica alguém como membro. O que pressupõe *saber* o que caracteriza aquela comunidade, seus valores, seus padrões, sua disciplina, e também suas interdições, pois “a Casa Grande está para todo mundo, mas nem todo mundo está para a Casa Grande”. (informação verbal⁷²). Tal “saber nativo” talvez não esteja acessível assim de modo explícito, mas a Casa Grande, por sua filosofia em funcionamento que valoriza a convivência e a interação, possibilita que seus *avizinhantes* tenham tempo para apreender o “espírito da coisa” e acederem quais membros. E se isto é fruto de uma “atenção distraída”, é porque a inserção autêntica naquela comunidade não é determinada simplesmente pela imitação (consciente) de comportamentos, sem que tal “imitação” seja primeiramente incorporada de modo imperceptível ao próprio sujeito, que se *assujeita* porque se interessa, e serve voluntariamente àquilo que absorveu de forma involuntária, como uma memória corporeificada que agora compõe sua própria matéria constituinte, mas que foi

⁷¹ Mães.

⁷² Alemberg.

engendrada através de misteriosas operações motivadas por razões não menos misteriosas.

Quanto mais comprometido nosso interesse, mais indelével o registro de suas impressões (...) Em casos extremos, a memória está ligada tão diretamente ao hábito que sua palavra ganha corpo e, ao invés de simplesmente disponível em casos de urgência, entra agora em vigor por força do hábito. Assim, a distração é felizmente compatível com a presença ativa de nossos órgãos de articulação. (BECKETT, 2003, p. 30).

O envolvimento das crianças e jovens que compõem a Casa Grande, a determinação no cumprimento das atividades, a responsabilidade, na manutenção material e imaterial do que seja a Casa Grande, é algo notório a qualquer visitante. Outras organizações fazem *intercâmbio de convivência*, de tão impressionadas que ficam com o desenvolvimento das atividades diárias pelos meninos e meninas sem nenhum adulto por perto. Um exemplo prático desse **envolvimento desejante** é um dos mecanismos expressos de punição que funcionam na Fundação: a suspensão. Ao invés da criança ou jovem *dar graças a deus* por não ter que ir à Fundação, como geralmente acontece com a escola formal, pelo contrário, torna-se uma tristeza ter que se privar de freqüentar a Casa Grande, pois é ter que se privar de “alguma coisa que aquela pessoa gosta”, como afirmou Miguel.

Punições, como por exemplo: a gente tem um termo aqui que a gente usa que é a suspensão. Como por exemplo: a pessoa fez uma coisa que não tá dentro da disciplina aqui da Casa Grande. Então aquela pessoa é suspensa de alguma coisa, de alguma coisa que aquela pessoa gosta, como por exemplo: se eu gosto de edição e eu faço alguma coisa errada, então é apurado aquilo na reunião. Então ta, então ele gosta de... Então ele vai passar uma semana sem entrar nem na TV, sem pegar nem no equipamento que ele gosta. A mesma coisa com outras crianças: se ele gosta da guitarra, então se ele fez alguma coisa de errado, então ele passa tantos dias sem tocar guitarra. Então foi uma forma que a gente, a gente mesmo encontrou aqui na Casa Grande pra gente ir corrigindo essas coisas. Como por exemplo, às vezes quando a coisa é mais grave aí então você vai passar uma semana em casa sem nem vir na Fundação. É uma coisa interessante que a Fundação e essa disciplina já faz tanta parte da vida da gente que às vezes a pessoa passa uma semana em casa e fica com aquela vontade de vim aqui, de vim pr'aqui. E às vezes também passa pela cabeça dela dizer: Ah, não vou mais não! Mas é uma coisa passageira, porque a Casa Grande já, assim, a pessoa já tem esse convívio aqui dentro da Casa Grande, e diz: Não, mas eu vou voltar. Até que volta. É uma coisa assim: essa coisa de punição aqui na Casa Grande é mesmo só pra “neguim” não pisar mais na bola e ver que ta fazendo a coisa certa, e depois procurar não passar mais pel'aquele erro e procurar fazer certo. (informação verbal⁷³).

⁷³ Miguel.

No ano “trasado” eu fui suspensa dois meses [...] e eu chorei demais quando eu saí daqui, chorei demais, menino. Eu sabia que era o último dia que eu ia tá aqui, depois só ia voltar dois meses depois. Eu rodei cada canto dessa casa, cada canto dessa casas chorando, isso de noite, seis horas, não tinha quase ninguém aqui. Eu cheguei ali fora e até abraçar a Casa Grande eu abracei, e chorando, e chorando, e chorando - e eu já tô começando também. Aí fui pra casa, aí nesse dia fui pra casa. Aí me bateu uma raiva tão grande, uma raiva, uma raiva, uma raiva. Aí foi igual aquela música que eu disse “às vezes te odeio por quase um segundo, depois te amo mais”. É desse jeito [...] Aí pronto, passaram dois meses, três meses, e eu não voltei pra Casa Grande. Fiquei mais um mês em casa. Não voltei de jeito nenhum. E eu podia entrar, podia voltar, e eu só voltei pra cá porque Rita, que é uma amiga minha que tá morando em Olinda, ela veio pra cá me visitar, e ela vinha pra Casa Grande, e eu peguei e vim pra cá, porque ela chegou. Senão eu não ia voltar, tava decidida a não voltar. Aí eu voltei pra cá, aí voltei mas também não me engajei em nada. E todo mundo perguntava por mim, e ninguém dizia que eu estava suspensa, ninguém dizia que tinha acontecido nada comigo, ninguém falava nada. Aí eu peguei, e aos poucos os meninos foram chamando “Samara...” [...] E ninguém falava comigo direito aqui, e nem na rua, eles ficam.... ah, num sei o que é isso não: tem alguns meninos daqui que se a pessoa for suspensa ninguém fala [*Isso Alemberg já deu essa lei? É uma coisa que acontece espontaneamente?*] Não, não, Alemberg não, acontece, Alemberg não. Tanto que eu encontrei Tamires na rua um dia desses, ela me disse: “Ei, Samara, Alemberg proibiu os meninos da Casa Grande de falarem comigo?” Aí eu disse: “Não, por quê?” “Não, é que eu passo pelos meninos eles nem olham, eu já parei foi de falar com eles de tanta vergonha que eu fico. Eu falo com eles, falo, falo, falo, ninguém responde, só quem fala de lá comigo é tu, Mêires, somente”. Eu ainda lembro o dia que eu saí chorando daqui... (informação verbal⁷⁴).

Ora, a questão que me sobreveio insistentemente como pesquisador foi a do *Télos*, a do objetivo e do objeto que fascina e atrai, orienta e mobiliza um tropismo, numa palavra a Causa (com C maiúsculo) desse envolvimento.

Pergunta: de que modo pode uma espécie, geneticamente dotada pela natureza com uma liberdade e autonomia tão notáveis, observar ainda assim tal disciplina, limites tão rigorosamente definidos, na conduta concreta? O homem nasce geneticamente livre, mas por toda parte está preso a grilhões culturais. Como isso é possível?

Quais as condições necessárias a essa escravização cultural? Quais as condições suficientes? E quais as funções ou, para dar à funcionalidade seu antigo nome aristotélico, qual a sua Causa Final? Em um mundo no qual se pode supor que a seleção natural – e social – opere até certo ponto, as Causas Finais, ou Funções, têm grande interesse; fornecem pistas importantes para as causas eficientes. Aquilo que serve a um fim, que por sua vez é uma precondição de sobrevivência, constitui legitimamente um elemento na explicação dessa mesma sobrevivência. (GELLNER, 1997, p. 58, 59).

⁷⁴ Samara.

As crianças e jovens na Casa Grande pareceram ter a possibilidade de se incumbirem de funções que *lhes convém*, entre as que são possíveis na Fundação. Um dos critérios para ganhar determinada função é se identificar (e ser identificado) com a função. Estar numa função é a atualização de um poder: o de estar à altura daquela função, que, no fim das contas, pode simplesmente significar estar à altura de si mesmo.

Aquilo que não me convém compromete a minha coesão e tende a dividir-me em subconjuntos que, em última instância, entram em relações inconciliáveis com minha relação constitutiva (*morte*). (DELEUZE, 2002, p. 27).

As crianças e jovens na Casa Grande estão mergulhados numa **mitologia** que os antecede e inclui como num **espaço sagrado** (cosmos). Para entrar na Casa como membro efetivo (ou, como dizem os meninos, para “ganhar a farda”), depois de estar por aqui, por acolá, fazendo-se presente e demonstrando interesse em participar do projeto, o primeiro passo é freqüentar a *Escolinha de Iniciação à Casa Grande*, onde se aprende os mitos e lendas do povo Kariri, sua história, sua tradição. Depois, passam à “recepção” (setor que tem como tarefa principal guiar os visitantes que chegam à Fundação pelo Memorial, explicando cada sala e seu significado emblemático em relação à cultura Kariri, e depois por todos os laboratórios da Casa Grande), sendo, finalmente, incorporados às atividades desenvolvidas nos diversos laboratórios (projetos), a depender da afinidade que desperte.

Participar da Escolinha propicia aos membros da Casa Grande encontrar fortes motivos para sua implicação, pois o sentido produzido ali acaba por ultrapassar a imediatez do tempo presente e ganha um caráter histórico, insinuando a criação de um povo, de um coletivo, que se reconhece no compartilhamento de um território existencial tão ancestral quanto atual.

A tradição oral dos Kariri, na “escola de comunicação da menina do sertão”, é considerada *link* de sentido para a apropriação das tecnologias contemporâneas, e estudada como a pré-história da comunicação; e a iniciação na Casa é também uma espécie de

revivescência ancestral do percurso histórico do povo Kariri. As tecnologias da comunicação e informação (TICs), na Fundação Casa Grande, estão sempre subordinadas a algo que as ultrapassa: a **filosofia** da Casa Grande. Aprender a utilizar as tecnologias não é um fim em si mesmo, nem tampouco um meio de se capacitar para o mercado de trabalho, ou uma estratégia “cidadã” para ocupar o tempo “inútil” em que se arriscam crianças e jovens. Com o uso das TICs a Casa Grande não abandonou nem se afastou da cultura ancestral dos Kariri. As TICs fazem parte da contemporaneidade dos Kariri que, apropriando-se das tecnologias atuais, não deixam de se acompanhar e de terem seu próprio tempo, pois potencializam os ecos que sua cultura pode emitir muito além de seu local de origem. Os Kariri hodiernos criam espaços de disputa e alternância de perspectivas (antigo-novo), viabilizando “um campo experimental de vivência e intervenção no contato com a consciência do outro”, com culturas outras, artefatos novos... Efetivam uma vida em que as misturas culturais implicam a autolegislação de sua própria cultura. O aprendizado das TICs é, na verdade, um meio *oblíquo* de transmissão cultural, assim como o *slogan* que utilizam “educar pela comunicação”, expressa, muito além de um aprendizado técnico, um aprendizado vital.

A gente tá utilizando os meios de comunicação pra educar mas não é pra educar tipo assim, que um menino como Miguel [que] tá até fazendo edição, ou então eu tô fazendo produção, então não quer dizer assim que ele tá educando pra que eu futuramente seja uma produtora, pra que futuramente o Miguel seja um editor de imagens [...] A gente tá usando os meios de comunicação, como a gente poderia tá usando a música (como a gente usa), como a gente poderia tá usando arte (tipo pintura), mas pra educar pra vida, num é pra educar profissionalmente, entendeu?, como se fosse um curso profissionalizante. Mas pra educar pra vida, pra esse menino ver que existem outros meios, principalmente um lugar como Nova Olinda, você vê que não tem muita opção, ou você vai no máximo, não desprezando dessa profissão, mas no máximo vai ser professora, ou vai ser dono de bar, vai abrir uma mercearia, ou vai trabalhar num escritório desses que tem por aí da vida... É o máximo que a gente consegue por aqui, e, nesse caso, a “educomunicação” aqui na Casa Grande, que é educar através dos meios de comunicação, tá servindo pra isso, que é uma educação, mas que é uma educação pra vida. E a gente mesmo, que futuramente a gente seja um professor, que seja um caminhoneiro, que seja um médico, que seja jornalista, mas que a gente tem assim essa consciência cidadã – gente, como é que eu posso te dizer – a gente ser um cidadão de bem, de repente ser um

bom pai, uma boa mãe, entendeu? (informação verbal⁷⁵).

Eu acho que se hoje não existisse a Casa Grande, Nova Olinda, como disse uma menina numa reportagem, seria um deserto. É claro. Porque, assim, eu queria que meus amigos estivessem aqui dentro (os que não estão), eu queria que todos passassem pelo menos pela Casa Grande, a maioria deles. A Casa Grande trabalha muito a mente da gente. É tanto que a Casa Grande ela forma cidadão, não forma sonoplasta, não forma locutor, nada disso. (informação verbal⁷⁶).

Pela manhã, enquanto visitava o Memorial tomando nota dos dizeres emoldurados nas paredes contando partes da história Kariri, presenciei algo importante e divertido que mostra o imbricamento entre o ancestral e o atual: havia um grupo de crianças olhando o *Kariuzinho* fixamente (“se olhar o Kariuzim fixamente por meia hora, sem piscar os olhos, ele se mexe”), enquanto os dois meninos responsáveis pela recepção faziam medo a eles, falando dos mal-assombros da casa tão antiga. As crianças tentavam ir aos outros cômodos, mas ouviam coisas e davam para trás, acreditando, desconfiadas, que poderiam ser seguidas por almas, de que os pés dos ex-votos poderiam caminhar, as portas baterem, vozes falarem...

Os mitos e as lendas sobrevivem e se atualizam, duram no tempo, no mundo fabuloso das crianças, e a tradição interage nas brincadeiras e fazem re-existir o povo Kariri. E nesses modos singulares de tornar o passado contíguo ao presente é que se trama o que nos é contemporâneo, num presente contínuo - como o *micro-system* embaixo da mesa do altar, coberto com uma toalha bordada, que “vez por outra, quando a gente tá assim, começa a funcionar sozinho”; e a luz que acende sozinha, automática: “aqui é tudo automático”, dizia Guilherme. E o automático também pode (ter o sentido de) ser: o mal assombrado.

A arquitetura da Casa Grande, o ordenamento de seu espaço estético, poder ser facilmente identificado com o contexto doméstico de qualquer menino(a) da Casa Grande. A arquitetura da Casa Grande guarda uma ligação “de raiz” com uma ancestralidade. Os materiais de construção, as texturas, as cores... Influenciam na maneira como se habita e

⁷⁵ Samara.

⁷⁶ Alexandre.

pratica o espaço, isto é, o grau de formalidade e informalidade, de conforto e de incômodo, de apropriação e afastamento, de extroversão, de introversão... O que não depende apenas do espaço, e sim do encontro pré-reflexivo com uma ambiência reconhecidamente agradável, onde acontece de dizer que se sente “em casa”.

A arquitetura da Casa Grande não buscou se destacar da arquitetura local. Ela **afirmou a cultura local**: tendo sido reconstruída nos moldes originais plasmou o passado (presente na antiguidade dos suportes físicos e metafísicos em torno da casa), que se atualizou nos sujeitos que ali convivem; e aproveitou a sabedoria dos antigos construtores nos materiais que foram utilizados (de baixo custo e apropriados ao clima quente) para construir sua obra arquitetônica mais recente: o *Teatro Violeta Arraes - engenho de artes cênicas*. Os cômodos da Casa inspiram reverência às almas dos ancestrais, com uma foto e sua respectiva graça embaixo. Nas paredes, fotos do povo Kariri, de achados arqueológicos, artefatos religiosos, dos “lugares de lendas” (em Nova Olinda, também em Bodocó/PE, Santana do Cariri e Campos Sales). Mães contou que os achados são trazidos pelas pessoas que os encontram em suas roças e doam com satisfação, pois sabem que terão seu nome ao lado da amostra – o que deve ter um efeito de implicar as pessoas na existência do Memorial.

E uma vez eu conversando com um alemão que no início começou com a gente aqui, e ele dizia: Alemberg, é tanto casarão que existe, né?, caído no sertão. Muitas vezes casas antigas e que do lado o governo ou as instituições públicas constroem escolas e [...] então, o que é que acontece: constroem aqueles caixões amarelos, né?, ou brancos, né?, com aquela logomarca da vez, né?, e esses meninos vão se educando nesse local. Então, é... O ensino, ele nunca se aprofunda a chegar sobre a concepção de patrimônio, né? Quer dizer infelizmente um verdadeiro exercício de deseducação histórica, é, de memória, de arquitetura, de antropologia. [...] Então a gente analisa, né, em relação à Casa Grande, a importância de ser educado desde o patrimônio histórico, certo? A Casa Grande ela foi a primeira casa da cidade de Nova Olinda, ela traz uma fachada que era, na época, o tipo de, vamos dizer assim, era a mistura do caboclo, da casa do índio com a casa do colono. Então esse casamento gera essa casa matuta, com essa fachada; e dentro dessa casa que, vamos dizer assim, que curtiu a história e que a história curtiu, né, é aberta pra comunidade, pras crianças. Então é ser educado do lado de um sábio ou do moderno - não é nem do moderno, é mais de uma pessoa vazia, o caixão que é colocado ali ao lado ou o prédio novo que eu construí e ia começar aquela história. Então é como muitos, eles já nascem aqui dentro dessa casa, sabem do que essa casa já pisou muitos pés, muita gente, teve muita história

e que eles são parte dessa história daí, como os antepassados deixaram pra eles a casa chegou até o tempo deles.

Então daí tem uma coisa que é o seguinte: cria uma noção de passado, presente, futuro, e o homem quando ele é centrado nesses três pontos ele passa observar o mundo de uma forma diferente. O principal fator pra se aprender é observar. Então passa-se a ter também um respeito entre o velho e a criança e assim por diante.

Então uma forma boa de se educar é através da arquitetura. Não é à toa que muita gente, músicos e artistas, têm essa tendência de buscar a arquitetura como um meio de, assim, de desenvolver ou despertar, ou descolar da caixa, a arte e a sensibilidade que tem dentro dele. Então, é um exemplo pra gente em relação à importância da arquitetura numa instituição: uma instituição que ta dentro de um prédio de 5 andares que tem até num sei quê num sei quê e setor, *tudim* que não tem cara, é diferente de uma instituição que tem uma cara. Então nossa cara é a Casa Grande, com respeito no passado. Por isso que na bandeira da Casa Grande ela descreve isso, ela descreve o passado, o presente e o futuro. Então o passado representado pela pintura rupestre, o presente o símbolo que tem na Casa Grande, e tem uma estrelinha em cima que foi esse espaço que a gente conseguiu aqui que já é um espaço construído por eles [...] que significa o futuro. A gente recebe dos homens da pré-história a nossa própria existência aqui, de tá hoje aqui nesse terreiro, né? Aprende com o presente aqui na Casa Grande no sentido de construir o futuro, ou seja, a cada momento isso ta atualizado, a cada momento isso é atualizado onde a gente passa a ter uma compreensão de que a gente construindo mais coisas virão. Mas é muito importante ta ligado no passado, porque o passado, a gente é uma conseqüência do passado, né?

Então a arquitetura pra gente ela tem esse valor. A Casa Grande por ser esse primeiro [...] a gente tem ela como a estrela principal. Nada dentro da casa, nada dentro da Fundação pode ser mais importante que a Casa Grande arquitetonicamente. Tudo que vier tem que vir como uma nota musical, ela tem que ir formando uma harmonia, e uma coisa que a Maria Luiza Costa [arquiteta do Teatro da Casa Grande] me disse, não foi preciso eu dizer, foi: olha, eu vou fazer o meu teatro mas a estrela principal é a Casa Grande, a estrela principal é a Casa Grande, tem que fazer por onde o Teatro ele passe despercebido, não é nem despercebido, mas assim integrado, a palavra é essa, integrado, e se a gente observar esse trio de construções – a Casa Grande, o educandário [e o teatro] – você vê como se fosse um pequeno povoadinho, você vê a casa da fazenda, você vê a escolinha onde estuda o povo da fazenda e você vê lá no teatro o paiol de mantimentos da fazenda. Então quando a gente entrou dentro da Casa Grande a gente sabia que a Casa Grande se tratava para nós assim como uma pessoa porque uma coisa que tem passado ela tem personalidade. Então a gente entrou dentro dela e o primeiro momento foi uma conversa com ela, como a gente botar um museu dentro dela sem tirar a individualidade dela. Por isso que as bandejinhas são leves, poderiam ser móveis, mais pesadas... São bandejinhas leves, o mínimo de interferência possível dentro da arquitetura, foi isso que a gente procurou fazer, porque a gente aprendendo isso, *a não interferir...* Meu pai que dizia: quando você for pra casa dos outros você observe como aquele povo vive dentro daquela casa que é pra você saber se posicionar dentro daquela casa.

Então esse respeito, né? Também quando a pessoa vai até a natureza, vai até a natureza, saber entrar numa floresta, saber entrar num pantanal, saber entrar numa capital, né? Então isso aí é importante. Então a Casa Grande ela foi feita assim: quando a gente veio pra dentro dela a gente começou a pegar depoimento da comunidade, como era a Casa Grande; começou a procurar

também como era a Casa Grande nesse sentido assim da pintura, assim essas coisas, e dentro da casa a gente priorizou o branco pela claridade e a gente priorizou a barra vermelha, as portas vermelhas, priorizou a cor vermelha, priorizou porque dentro de uma informação histórica, porque antigamente tinha aqui as pedras de tinta à base d'água que era vermelho, branco, amarelo e preto. Essas pedras de tinta têm aqui aflorando pelo Cariri. Tem uma ladeira em Santana que tem, têm vários locais aqui. E quando o homem, o índio, deixou de pintar suas painéis, suas, suas... Primeiro o homem da caverna deixou de pintar suas cavernas, passou pra onde a segunda fase pras painéis de barro, pros cachimbos, pro corpo, e quando chega o colonizador, ele não é um colonizador que, ele é um colonizador, vamos dizer assim, que miscigenou com o índio. No entanto, permanece *aquela coisa* índia nele também e, no entanto, não estava mais fazendo painél daquele jeito. A cultura mudou, mas esse elemento cultural de pintura passou pras casas e aí as barras da casa é de cor vermelha que é a tinta ocre, né? E ele faz isso, ele vem e como que fosse uma base ele levanta as portas. Então ele considera assim a casa que fosse original é a que a barra vem da cor das portas. Porque anuncia dentro, ela vem, a porta, aí entra pra dentro fazendo aquelas quinas. Então quem é que está dentro das casas? É o homem. Então o uniforme dos meninos é branco com a barra vermelha e não azul e amarelo. (informação verbal⁷⁷).

A Casa Grande é pintada em cores vivas e puras: amarelo, vermelho, azul e branco. A Fundação tem uma forma retangular (maioria dos ângulos de 90 e 180 graus): dos quatro lados ficam os alojamentos, uma entrada para o teatro, a rádio, o educandário, a biblioteca, a sala de música, o almoxarifado, o laboratório de sites e a editora. Todas as portas dão umas para as outras, de tal modo que no centro do terreiro retangular alguém pode avistar todas as salas. Segundo Barthes, o retângulo expõe a “forma simples do poder”, uma “ideologia geométrica”, “grega”, que opõe, por exemplo, a cabana à tenda, circular e radial. Ele considera ainda a possibilidade de haver uma espécie de “lembrança ancestral da função real e religiosa” desse formato. Barthes reconhece no retângulo um caráter plenamente artificial = histórico, cultural, ideológico, e o relaciona à imagem, à constituição da imagem, da fabricação de imagens: observa que o retângulo é a forma arquetípica do enquadramento pictórico. “Coloca-se a imagem numa moldura [...] o superlativo da imagem, aquilo que a completa e realiza”. A moldura, por sua vez, é uma invenção tardia. As pinturas rupestres do paleolítico, por exemplo, são feitas “sobre um fundo não preparado, diretamente na parede da

⁷⁷ Alemberg.

gruta”. O fechamento homogêneo da imagem se dá por volta do segundo milênio antes de Cristo. (BARTHES, 2003, p. 225).

A ocupação topológica germinada pelo hábito no bojo de um conjunto de estratégias de transmissão, donde um de seus elementos é a própria ambiência material do lugar de encontro, a *arquitetura do tempo*, e também o espaço habitado como *meio de transporte* da mensagem que se quer transmitir, faz do próprio espaço físico da Casa Grande um dos suportes de transmissão cultural, assim como as TICs.

Ao lado da arquitetura, compondo o ambiente, está a “paisagem sonora”, que corrobora com a produção do **pertencimento**, novamente da sensação de pertencer a um universo identificado como cosmos, pois retém os ruídos do caos para que as forças da cultura resistam à desintegração.

Uma comunidade pode ser definida de muitos modos: como entidade política, geográfica, religiosa ou social. Mas proponho que a comunidade ideal pode ser também definida, com vantagens, por linhas acústicas. (SCHAFER, 2001, p. 300).

É, a Casa Grande ela é uma lenda musical, musicada, ela é musical. Se você parar aqui você vai escutar a música da Casa Grande, esses menininhos, né? Eu quando penso em fazer um disco d'A Lenda, eu penso em fazer como aquele quadro que tem ali daquela velha, né? Então fazer de manhãzinha a porta se abrindo e a meninada entrando como se fosse a sonorização do próprio ambiente. Tem um disco da Émille, o segundo disco, que tem uma parte que é isso aqui, ó [aponta pra o burburinho da meninada]. Eu não sei se você já... Que aqui nós não temos o segundo disco dela que ela já fez na Inglaterra, e ela, ela tem assim uma parte que é assim o ambiente da Casa Grande. Aí você tá tocando e tá escutando os menininhos falando, conversando... Então a Casa Grande ela é um projeto musical, ela é um projeto arquitetônico, sabe assim, que onde você vê existe assim uma forma geométrica, fotográfica, que a gente tá aqui e tá vendo a luz entrando naquela Casinha Grande [fachada da Casa desenhada na parede do pátio], aqui, lá no fundo com o verde, aqui de onde você vê. Então um poeta diria que ela é poética, um músico diria que é musical, né?

Então, isso vem tudo porque a Casa Grande foi criada numa concepção antropológica e artística. Então assim, o sumo, a base, é como se a antropologia fosse a matéria, e a música, a arte, fosse o espírito. Ela é formada, formada disso porque foi feita por um casal de músicos. Talvez se fosse um casal de açougueiro, ou um casal de... tá entendendo?, tivesse outras diferenças, mas, como foi um casal de músicos, e que entravam nas cavernas e se inspiravam a partir do ambiente sonoro daqueles lugares... Se você pega a obra de Burle Max você só vê que Burle Max pegou, e eu tive agora na Floresta Amazônica, e é jardins que Burle Max buscou fazer, ali,

sonhou fazer, né? Então é isso, é um pouco isso assim: é procurar fazer coisas que eu vi na inspiração se materializar aqui dentro. (informação verbal⁷⁸).

Porque pra tudo aqui, quando a gente vai fazer uma coisa, até mesmo uma construção, a gente vai ver se ta dentro dos padrões da filosofia da Casa Grande, se era daquela forma mesmo, como por exemplo, o teatro. O teatro a gente viu que o teatro a gente não podia fazer um teatro chique, um teatro com carpete, com cadeiras confortáveis. Então Alemborg ele viu dentro da filosofia da Casa Grande que a melhor maneira de encaixar o teatro dentro da filosofia da Casa Grande é dessa forma, é dessa estrutura que a gente tem. (informação verbal⁷⁹).

Pretendemos aqui apenas evocar duas linhas de pesquisa em educação que nos parecem inteiramente pertinentes, mas que fugiria de nossas possibilidades atuais nessa empreitada: uma semiologia da arquitetura dos espaços “educacionais” e uma análise da paisagem sonora (“sonografia”), do ambiente acústico desses espaços. Daí resultaria a proposição de um projeto ambiental para espaços educacionais, levando em conta a integralidade dos elementos que compõem nossa experiência sensível com o ambiente no qual estamos imersos.

Os primeiros construtores construíam tanto com os ouvidos quanto com os olhos. A acústica excepcional dos anfiteatros gregos dos quais o teatro de Asclépio, em Epidauro, talvez seja o melhor exemplo, não prova que a acústica tenha sido totalmente dominada pelos gregos antigos, mas mostra que existia uma filosofia geral de construção na qual as considerações de ordem acústica influíam na determinação da forma e da montagem da estrutura. No anfiteatro vazio de Epidauro, o som de um alfinete que cai pode ser ouvido distintamente de qualquer dos 14 mil lugares - afirmativa que eu mesmo pude atestar. (SCHAFER, 2001, p. 307).

Pari passo com algum desgosto dos meninos e meninas da Casa Grande acerca de como a Fundação está nesse momento, isto é, crescendo e se autonomizando, algo nos pareceu possível afirmar: os meninos e meninas *desejam* o envolvimento, e se envolvem profundamente com a Casa Grande. Podemos pensar que aquelas crianças e jovens não tenham muitas opções numa cidade em que a Fundação, junto com a religião e a família, parece ser a instituição que mais se destaca, com a vantagem em relação às outras de atrair

⁷⁸ Alemborg.

⁷⁹ Miguel.

para a cidade as atenções de milhares de curiosos e interessados, que ali investem suas esperanças (e finanças) de um mundo melhor. Contudo, são muitas quase-causas para a implicação das crianças e jovens com a Casa Grande, motivos que estão atravessados pelos acontecimentos mais singelos e sutis da vida, alguns nem tão claros e distintos assim. O porquê de se envolver num cotidiano de convivência coletiva também é difícil de explicar. A impressão que permaneceu em mim é que ocorre um efeito dominó, uma espécie de *contágio* que se propaga entre uns e outros. São as ressonâncias, como na música, quando uma determinada vibração casa com outra, quando um leque de timbres (sons singulares) se combina harmonicamente nas linhas melódicas (sons plurais). O que se aprende é que não se deve definir, de um modo geral e definitivo, as causas do envolvimento e da permanência das crianças e jovens na Fundação (arrisco dizer, de qualquer membro em qualquer instituição), sob pena de recair num psicologismo.

----- Original Message -----

From: M.M.

To: fabiojorgio@uol.com.br

Sent: Friday, December 10, 2004 12:46 PM

Subject: RE: queria saber

Ola Fabio,

Sabe,

A minha história com a Casa Grande é muito diferente de como foi com todos os outros, não pela naturalidade de ninguém viver as mesmas coisas ou de perceber... Mas é que quando encontrei a Casa Grande eu estava vivendo uma fase muito louca, perigosa e de certa forma decisiva na minha vida (digo louca porque era LOUCA mesmo!).

E quando eu comecei a freqüentar a Casa Grande, naturalmente fui descobrindo o que valia a pena na minha vida e também o que era correto (muitas vezes, não pelo que eu compreendia, mas mais pelo que compreendia a sociedade). Fui encontrando espaço pra fazer das minhas revoltas, algo produtivo e importante.

Bem, passaram-se quase doze anos e ainda estou aqui! Muitas coisas aconteceram, outras não... E o que me faz está aqui é saber que existem crianças, assim como eu já fui, meio perdidas por aqui e que de repente podem se encontrar nesse ambiente que é a Casa Grande. E que principalmente eu posso está aqui para recebe-las e ajudá-las nessa descoberta.

Sei que continuar aqui tem um preço, mas eu sei que sou forte (afinal já venci coisas piores) e vou acreditar nessa nossa potencialidade até o fim da minha vida. Com isso não quero dizer que estarei sempre aqui na Casa Grande. Tenho muitas coisas à descobrir nesse mundo de meu Deus, mas não sairei daqui, mesmo longe, quando a Casa Grande precisar de mim, estarei aqui (o que me dói mais quando se fala de quem já saiu da Casa

Grande é que a maioria se desligou totalmente, como se tudo isso só fosse importante enquanto essas pessoas faziam uso de tudo que tem aqui, eu penso diferente, mesmo que um dia eu não esteja participando ativamente da Casa Grande, eu desejarei saber de novos projetos, como poderei ajudar, mesmo não estando por aqui, quero conhecer a garotada nova, conversar. As desculpas são muitas pra que isso não aconteça, mas uma coisa é certa, A CASA GRANDE SOMOS TODOS NÓS)

Eu estou numa fase muito legal, acabei de entrar na faculdade e começo a perceber a Casa Grande de outros Ângulos e acredito que a partir daí eu vou poder ajudar em algumas coisas que precisam ser mudadas e outras que precisam existir. Nesse momento estou mais querendo refletir e entender, do que começar a agir.

Bem espero que tenha respondido as suas perguntas e qualquer coisa, me manda outro e-mail, certo?

Um abraço em vc e na Luciana.

Rapaz, eu antes de entrar na Casa Grande... Assim, eu sou filho de agricultor, tá entendendo? Assim, de manhã eu ia pro colégio. Quando eu chegava, no almoço, eu pegava a comida e já ia pra roça. Só que, assim, eu era um cara super preguiçoso assim pro lado da roça. Chegava lá eu sentava debaixo de um pé-de-pau e ficava olhando o povo trabalhar, ficava irritado e dizia “vá pra casa”. Eu não achava ruim, mas é isso mesmo assim (...) E eu poderia tá até na roça, mas eu sempre fui uma pessoa que sempre gostei desse negócio de mexer com cabo, de mexer com eletricidade. Eu acho que no mínimo eu já tinha aí seguido meu rumo à procura disso, e aqui não está nem tão fora disso, porque aqui as coisas foram acontecendo assim, super legal quando a gente senta ali, monta um show, vamo selecionar música. Eu acho assim que a pessoa é quem traça seu destino mesmo, suas metas, você vai à procura disso. Num sou muito dessa teoria não, “quem nasce pra cangalha não dá pra cela”. A gente tem que procurar a cela, a gente tem que procurar uma carruagem. (informação verbal⁸⁰).

Porque quando eu entrei aqui eu morria de medo de falar com meu pai. Meu pai nunca me dirigia a palavra em casa, nunca. Ele falava assim mais com meu irmão, ele era assim muito bruto comigo, com minha mãe. Porque minha mãe sempre... Assim, porque teve uma época que ele tava sem trabalhar e minha mãe foi quem segurava as pontas de tudo em casa, e eu sempre ficava no pé da minha mãe, sempre, sempre, sempre acompanhava minha mãe na escola, sempre, tudo que minha mãe ia fazer eu ficava no pé dela, não tinha outra coisa pra fazer. Aí chegou uma época que chegou aqui um frei chamado frei Roberto, e ficou sendo o novo pároco daqui da cidade, e frei Roberto era uma pessoa maravilhosa, eu adorava conversar com ele, porque ele me contava as histórias de todos os lugares que ele já tinha ido [...] Tipo, contava as missões dele na Bolívia, no Chile, na Argentina, aí ele foi pra, conheceu o continente africano [...] Daí ele me contava de todos esses lugares e todas as crianças adoravam ele. Aí foi, eu decidi que eu queria ser freira, porque eu acho que eu me interessei pelas missões, de poder sair, de conhecer esses lugares todos. Eu achava que a única, eu morando aqui em Nova Olinda, a única forma que eu tinha de um dia conseguir isso era sendo freira, porque não tinha outro jeito, o quê que eu podia fazer? [...] Aí eu tinha tanto medo, era uma pessoa tão medrosa, tinha medo de falar as coisas em casa, tinha medo de meu pai dizer uma coisa, tinha medo de falar que aquilo não era certo, eu morria de medo de tudo, de

⁸⁰ Alexandre.

tudo. Aí um belo dia essa casa que era considerada mal assombrada, que eu passava assim correndo com medo, pra cortar caminho quando ia pra casa, passava correndo morrendo de medo que o povo contava histórias aqui... Tinha um mato aqui do lado e esse prédio [o educandário] também era abandonado. Só que tinha umas pessoas que moravam aqui dentro dessas salas, assim, porque não pagavam aluguel e o prédio era abandonado, as pessoas moravam aqui, as pessoas não tinham casa e não tinham emprego pra pagar aluguel, aí ficavam morando aqui. E eu passava aqui correndo “de pau” pra casa. Aí um belo dia essa casa abre, aí eu venho pra cá todo santo dia olhar, e fico olhando assim, prestando atenção em tudo. Aí um dia tava tendo uma exposição de desenho, Alemberg sai na mesma hora, parecia coisa do destino, Alemberg abriu a porta da cozinha assim falando que queria alguma coisa diferente, tipo uma exposição de poesias, e eu fazia poesias, eu tinha dez anos. Aí minha prima Jévina, né?, que é namorada de Miguel, aí Jévina foi e disse: “Samara, fala das tuas poesias pra ele”. Eu falei: “não, não”. “Fala, fala”. “Não”. Aí ela foi e disse: “Olha, ela faz poesias”. Ele falou: “Pois vai em casa pegar pr’eu dar uma olhada”. Corri! Não passou nem cinco minutos eu voltei com essas poesias pra Alemberg. Alemberg na mesma hora: “Vamos organizar uma exposição”. Então organizou a exposição. Também no outro dia já tava lá no ponto pra começar. Aí pronto. Daí eu fui começando a fazer outras aqui. Meu pai não gostava que eu viesse pra cá. Eu vinha pra cá papai mandava me buscar porque dizia que eu tinha que aprender a lavar prato, fazer tudo dentro de casa, porque tipo a cultura dele é que eu tinha que ser uma boa esposa pro meu futuro marido, que tipo aqui não tinha futuro, num sei quê e tal. Eu sei que aí eu fui conseguindo algumas coisas aqui. Tipo, eu comecei a fazer o jornal da cidade, eu fui a primeira menina também, não a primeira menina que começou a freqüentar a casa, porque tinha um monte de menina que também freqüentava, mas a primeira menina atrevida assim que começou a participar de tudo aqui: fiz parte da primeira diretoria mirim e tudo o mais. E isso eu fui aqui dentro, assim, eu não sei nem te dizer, por isso que eu tô te dizendo, é tão natural de um jeito que eu não posso te dizer que existe um método pra gente aprender tudo isso, uma teoria que a gente segue, porque as coisas aqui são tão natural dum jeito, um atrevimento que é positivo pra sua vida. De repente, na minha casa eu comecei a dizer: Olha, pai, não é assim não; é de tal jeito e pronto. E ele começou a, tipo, me ouvir dentro de casa, comecei a ter voz dentro de casa também. Aí de repente meu irmão começou a vir pra cá, de repente minha mãe, de repente meu pai também começou a vir pra cá, e hoje em dia se eu disser “pai, tô querendo ir pro Japão”, ele diz “vá com deus, minha filha”. (informação verbal⁸¹).

⁸¹ Samara.

7.5 ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

Num dos sábados que Alemberg e Rosiane estavam na Fundação, ao contrário do que normalmente ocorria, ao cair da noite, que era os meninos e meninas irem para suas casas para a *janta* e depois retornarem, os mais novos para brincarem no terreiro, geralmente de *Trinta e um salve todos*, e os mais velhos para ficarem conversando na frente da Casa, nos bancos do canteiro na rua, vendo o movimento... Nesse dia retornaram à Casa mas um burburinho e um corre-corre diferente me chamaram a atenção. Perguntei a alguém o que estava acontecendo, que disse esbaforido: “Alemberg vai fazer a reunião formativa”, e saiu correndo. Alemberg estava sentindo a importância da reunião pois haviam alguns meninos novatos frequentando a Fundação, e também porque pressentia que era o momento de reimpulsionar o rodado das motivações. Fiquei imaginando que seria uma daquelas reuniões “pedagógicas” onde seria explanado a missão e as finalidades da Fundação, suas regras, seu modo de funcionamento, enfim, aquilo que teria o efeito de “apertar os parafusos” das engrenagens em movimento.

Fui para o alojamento me arrumar e, encontrando com Diassis, indaguei sobre o que consistia a reunião: “Rapaz, Alemberg conta umas histórias aí que tem gente que vê até alma; umas histórias de botija enterrada, das assombrações que tem na Casa Grande, lá no Memorial...”. Rapidamente procurei Alexandre e o incitei a instalar a aparelhagem para que pudéssemos captar o áudio da reunião. Ajudei-o a montar o *setting* de gravação: gravador de *compact disc*, dois microfones com pedestais, uma mesa de som, e estava pronto. Soube que Alemberg tocaria violão enquanto contava as histórias, e sugeri que Aécio (baixista da banda *Os Meninos da Casa Grande* e um dos primeiros componentes do *show A Lenda* quando ainda era bem pequeno) pegasse alguns instrumentos de percussão indígena para acompanhar a reunião.

O frenesi era intenso. Quando cheguei ao Memorial, na Sala dos Santos, meninos e meninas se amontoavam pelo chão numa algazarra contida, Alemberg e Rosiane à frente, com as imagens dos santos e o altar por detrás. As portas e as janelas estavam fechadas, e, de repente, a luz se apagava e o espaço se alumiaava com a luz de dois candeeiros a querosene. Silêncio sepulcral. Impressionado com o ritual que se iniciava, sentei entre os meninos.

Alemberg dedilha o violão, chocalhos e sinos reboam pelo espaço acústico que se formou. Rosiane cantarola sons de uma gramática-mantra indígena. Alemberg se dá ao contraponto. Aos poucos uma atmosfera vai se formando, e os meninos e meninas são chamados a entoar e repetir certos trechos que sabem de cor. A cantiga-ritual dura uns quinze minutos, terminando em risos e palmas. Alemberg então pergunta: - “O que é que vocês querem saber dessa música?” Ao que Samuel (um dos primeiros meninos da Casa Grande, hoje com dezoito anos) pergunta: -“Qual o caminho, qual o caminho?”. Ao que Alemberg responde:

A Casa Grande, pra vocês saberem o que é a Casa Grande, a origem da Casa Grande é... Ela é uma casa que surgiu duma história, duma história, ela surgiu duma história. E os caminhos que levou a Casa Grande até aqui também surgiu duma história. Por isso que a coisa mais importante na Casa Grande é as histórias da Casa Grande, e essas histórias da Casa Grande inda hoje a gente escreve elas.

Então, há muito tempo atrás, muito tempo atrás, existiu um reinado dum rei que se denominava Manacá, e duma rainha com o nome Jurema. E esse reinado, no centro de um reinado, existia uma lagoa com o nome de Lagoa Encantada. Então essa lagoa encantada é, era uma lagoa no centro desse reinado. O nome desse reinado se chamava Itaperabussu, o nome da lagoa se chamava Vapabussu.

Alemberg retoma o violão e canta.

Era uma certa vez/ um lago mal assombrado/ que a noite sempre se ouvia a Carimbamba cantando assim:/ amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou/ amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou./ Era uma certa vez/ um lago mal assombrado/ que a noite sempre se ouvia a Carimbamba cantando assim:/ amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou./ A Carimbamba habita a noite/ cantava triste lá na lagoa:/ amanhã eu vou, amanhã eu vou./ E Rosa Bela/ linda donzela/ acabou seu canto e cantava triste/ e Rosa Bela/ linda donzela/ acabou seu canto e cantava triste/ a lagoa lá fora venta/ ah, ela voltou/ a Carimbamba vive cantando/ e Rosa Bela nunca mais voltou.

Todos são chamados a cantar, repetindo.

Amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou/ amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou.

Era uma certa vez/ um lago mal assombrado/ que a noite sempre se ouvia a Carimbamba cantando assim:/ amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou/ amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou.

Novamente palmas e risos. E Alemberg prossegue falando.

Então nessa lagoa, entorno dessa lagoa, existiu uma princesa por nome Mara. E a princesa Mara ela tinha, ela enfeitiçava as pessoas e levava as pessoas pra ilusão. Então ela fazia muita coisa assim na tribo, de confusão uns com os outros, iludia as pessoas, e o pai de Mara vendo que ela era uma princesa má, levou ela na beira da lagoa e ela, e encantou Mara dentro da lagoa e com o nome de Maara, e quando ela foi encantada na beira da lagoa, antes dela se encantar, dentro das águas, encantada numa serpente, a baba dela fez nascer umas plantinhas, e dessas plantinhas que nasceu na beira da lagoa os índios tinha, comia essa plantinha e essa plantinha fazia com que eles fossem, vissem Maara.

E a música prossegue, ornada em língua Kariri, por mais dez ou quinze minutos, com o coro das crianças, o violão e os objetos de percussão fabricados por Alemberg e os meninos, inspirados nos instrumentos dos Kariri, preenchendo o oco da imaginação. Palmas e risos incontidos encerram as canções. E Alemberg prossegue em prosa a saga mística do mito fundacional.

E aí então, hoje as pessoas dizem, né, que quando vão caçar Pequi em cima da serra, aí se perde em cima da serra, aí se encontra com essa lagoa que tem em cima da serra da Chapada do Araripe, essa lagoa que se encantou e diz que essa lagoa que tá em cima da serra que a pessoa encontra diz que tem é uma lagoa bem bonita que tem fruteira, arrodada de animais, e a pessoa, se ficar, se a pessoa quiser sair dela e levar qualquer coisinha, botar no bolso qualquer coisinha ou pra chegar fora e mostrar que teve na lagoa encantada, a pessoa num consegue sair de jeito nenhum, e a pessoa tem que sair antes dela se desencantar. Porque se ela pegar e desencantar a pessoa vai simhora junto com ela, e aí a pessoa tem que sair antes dela se desencantar, dela sumir.

Então são histórias como essa que vem passando pr'os índios, e vem passando pr'o caboclo, e o caboclo vai contando pra frente. E essas histórias que existe aqui na região do Cariri foram elas que deram origem à Casa Grande. Então, antes de, a primeira vez que eu me encontrei com elas eu era menino, eu era criança, não tinha nove anos de idade e tinha uma cabocla que me contava as histórias. Eu ia lá pra casa dela e ela pegava esse índiozinho⁸² que tinha dentro do baú e me contava histórias como essa, do tempo dos índios, do tempo do cachimbo de barro... Ela contava as histórias

⁸² *Kariuzim*: uma estatueta do índio Kariú que fica numa redoma de vidro na primeira sala do Memorial.

e aquilo ficou na minha cabeça esse tempo todim, as histórias. Então eu cresci, né, e aí quando eu retornei aqui pro Ceará eu peguei e saí pesquisando novamente, querendo saber mais sobre essas histórias, querendo descobrir mais detalhes sobre essas histórias, então comecei a caminhar, sair de casa, ia caminhar, caminhava buscando saber, pesquisava nos pés de serra, então quando eu sabia que tinha uma coisa, uma pedra que o povo dizia que era encantada, ia visitar, fotografava e gravava depoimentos das pessoas, então com esses depoimentos é que a gente começou a receber lá em casa um bocado de estudantes, pessoas que iam lá ouvir essas histórias, e a gente começou a compor as músicas falando delas, dessas histórias, de detalhes dessas histórias e aí nós começamos a viajar com essas músicas, mostrar essas músicas fora, e aí no que a gente ia pesquisando, chegava num lugar, na casa duma pessoa, da roça muitas vezes, e eles tinham uma pedra como essas que tem aí que é caco de panela, essas coisas, aí davam pra gente e a gente viu que tinha que criar um espaço pra guardar essas histórias, pra não só guardar mas pra retomar elas, pra elas serem contadas, essas lendas essas histórias terem um lugar pra abrigar elas nessa época nossa, de hoje, e aí foi quando a gente veio aqui pra, assim, eu tinha essa casa aqui que era do meu avô e aí a gente pegou e restaurou essa casa que era tida como uma casa mal assombrada quando a gente, o povo da comunidade tinha ela como uma casa mal assombrada, o povo conta algumas histórias dela, como a história da botija. Então essa história de botija é que no canto daquela porta, daquela janela ali, bem no cantinho daquela janela ali, ela tem uma botija enterrada ali, que pertencia a um padre, né? E as pessoas passavam aqui na frente da casa, há muito tempo atrás, quando ela estava em ruína, e via as passadas do padre caminhando aqui dentro dessa casa – um chinelo, aquelas alpercatas de rabicho – e as pessoas sonhavam com essa botija. Teve duas pessoas que sonhou com essa botija, uma ainda tá viva, a outra já morreu. E nessa botija, nessa botija, ela tem um cordão de prata, tem moeda de ouro aí dentro. Então quando vai se cavar a botija... A história da botija é o seguinte: a pessoa recebe a visita três vezes da alma, né? Recebe aí a visita aí da botija, a pessoa não pode dizer a ninguém. Da segunda vez ela volta de novo, aí dá e mostra a botija. Aí da terceira vez ela vem, dá a botija, aí a pessoa vê. Aí se hospeda na casa, se hospeda na casa. Quando está hospedada na casa, aí ele vem e pede pra dormir. Aí a pessoa, a família, a família também não pode dizer. A família aí dorme. Aí quando é de noite, na hora das horas mortas, na hora das horas mortas, é a hora que os passos, tudo quanto é, até os grilim param de chiar, é um silêncio assim, abre um silêncio no meio do tempo. E aí as pessoas que estão na casa elas adormecem mesmo de uma forma... Aí a pessoa se levanta, e vai lá na botija. Aí tem que levar uma cruz, o rosário e água benta. Aí então no que ele tá cavando a botija, aí começa a aparecer coisa. A primeira coisa que se apresenta é um galo cantando. Depois do galo cantando aí se apresenta um bode com os oíão de fogo, né? E a pessoa tem que ir cavando, tem que ir cavando, e sem ligar praquilo ali. Aí arranca a botija. Aí quando arranca a botija aí a pessoa tem que mudar de cidade porque se morar naquela mesma cidade aí a pessoa morre. Então a história é uma coisa que vem desde o início do homem mesmo, desde o início da humanidade que as histórias que os homens viveram e conversaram, as histórias dos homens, eles contam tudo. E o interessante é que nessa casa aqui ela tem essa coisa de ser, já era, morada da história. Quando Nova Olinda passou de Tapera pra Nova Olinda, nessa casa aqui, onde chegou um rapaz que tava se formando pra frade, vindo de Olinda, no Pernambuco, e vinha pra casa dos pais, que ele era dos Feitosa, e ia pros Inhamuns, e passando aqui por Nova Olinda ele pediu hospedagem na Casa

Grande. Chegando na Casa Grande onde ele pediu hospedagem, ele... as pessoas que moravam aqui negaram hospedagem a ele, e aí ele foi se hospedar debaixo de um pé de Tamboríu, que tem aqui, onde hoje ali é o Banco do Brasil. E aí as pessoas chegaram e disseram pra ele, as pessoas mais simples, disseram olhe, os moradores, né, do povoado de Tapera, disse: Por que é que o senhor não celebra uma missa pra gente, que a coisa mais difícil é ter aqui, passar por aqui, uma pessoa, um padre; por que é que o senhor num celebra uma missa pra gente? Ele ficou de celebrar. E nessa missa eles pediram pra ele dar um nome novo à Nova Olinda, um nome novo à localidade que se chamava povoado de Tapera. Porque esse povoado de Tapera eles disseram que era um nome que, queriam um nome de progresso, porque Tapera quer dizer “casa velha abandonada”. Aí então eles queriam tirar esse nome. E aí o padre celebrou a missa. Quando o padre celebrou a missa, tava celebrada a missa, veio todo o povo daquela época, né, que hoje em dia não tem mais nenhum vivo, que faz muito tempo, e aí foram lá pra missa. Existia uma capelinha bem aqui que hoje o lugar da capelinha aqui é bem no meio da rua. As pessoas mais velhas daqui ainda pegaram os tijolão ainda da capelinha que tinha aí do lado. Então... E tinha o cemitério que o cemitério era ali onde é a casa de dona Leita. Quando foram fazer os alicerces daquela casa tiraram muito pedaço de caixão, de cabelo, dessas coisas, encontraram... Então, era isso né, era a Casa Grande, era capelinha, o cemitério e os morador que moravam em volta assim do povoado. Então o frade disse... rezou a missa e aí disse: Eu vou dar o nome novo do povoado pra mudar de Tapera pra Nova Olinda, pra ficar marcado que eu passei aqui, vindo de Olinda. Então eu vim de Olinda e o nome desse povoado vem ser Nova Olinda. Mas, pela desfeita que me fizeram de não me dar hospedagem, Tapera foi – e bateu um chinelo no outro, tirou dos pés – e Tapera há de ser até sua quinta geração. Aí então amaldiçoou o povoado. Nesse educandário morava um senhor por nome de Cizeiro. Cizeiro era um velho que tinha aqui, que era engraxate. Então Cizeiro andava com uns paletós véi que Antonio Jeremias dispensava e ele vestia. E eu conheci Cizeiro. E o povo dizia que Cizeiro virava lobisomem, e o lobisomem, pra virar lobisomem, o homem tinha que ir... Existia uns pé de Gameleira ali perto onde é ali a Cininho, e uma vez disseram que pegaram ele, disse que pra virar lobisomem, o homem tinha que ir pronde um rabujo de animal, onde o animal rabujava, né? Virava, ficava virando... [se espoja, ajuda Miguel] É, se espoja, e aí ele tinha que, ele fazia umas orações e virava prum lado, e virava pra outro, aí ficava virando e as orações, aí se virava lobisomem, que era um lobo em forma de homem. Aí assombrava, né, o povo, saía correndo atrás do povo e tudo. Se um lobisomem atacasse a pessoa e a pessoa furasse o lobisomem na mesma hora, fizesse sangue nele, ele se desencantava na hora. Então Cizeiro dormia ali no educandário. Eu conheci Cizeiro dormindo aqui no educandário.

Então a Casa Grande, né, aqui onde nós estamos, é um lugar muito forte em relação a essa coisa, a memória de nosso povo... Então essa casa, né, um dia essa casa a gente resolveu restaurar ela, e o interessante que a primeira vez que a gente entrou aqui na casa, entrou eu e Rosiane, quando Rosiane chegou aí nesse... Ela tinha um terço daqueles terço, um rosário, azul e branco [desses aqui, ó, complementa Miguel] É, desses aqui. Quando ela chegou aqui nessa salinha do Corredor do Arco, o rosário, como se pegasse no pescoço dela deu assim sabe, voou conta pra todo lado, voou conta pra todo canto, voou conta pra todo canto, e nós chegamos pra arrumar a casa. Então a gente passou assim um período dormindo dentro dessa casa, a gente praticamente abandonou a casa da gente e veio passar um tempo aqui arrumando essa casa. Então essa casa, né, que a gente veio, quando a gente

tava arrumando aqui, os meninos ficavam olhando a gente arrumar por debaixo das portas, eles ficavam olhando pela janela e a gente arrumando de noite, essa casa, e eles ficavam olhando pra saber o que é que iam montar ali dentro daquela casa. Então quando a gente abriu a casa esses meninos entraram aqui como se fosse pra destruir, aquele monte de menino que tinha na cidade. E aí mais na frente a gente começou a explicar aquilo ali o que era, a Mãe D'água, que a casa exibia justamente essas histórias que eu tô contando aqui. E aí os meninos começaram a aprender, a história que ouvia. E aí a gente começou a ver eles também contando essas histórias. A gente chegava aqui e eles tavam contando a história que a gente contou. Então surgiu a escolinha de iniciação à Casa Grande, que é uma escolinha pra aprender a vocês contar essa história.

Tempos depois de presenciar esta reunião pude fazer uma *associação livre* com um trecho do *A sociedade contra o Estado*, de Pierre Clastres, acerca do “dever da palavra”, que, apesar da extensão, considero interessante refazer aqui.

Falar é antes de tudo deter o poder de falar. Ou, ainda, o exercício do poder assegura o domínio da palavra: só os senhores podem falar. Quanto aos súditos, estão submetidos ao silêncio do respeito, da veneração ou do terror. Palavra e poder mantêm relacionamentos tais que o desejo de um se realiza na conquista do outro [...] Sobre a tribo reina o seu respectivo chefe e este reina também sobre as palavras da tribo. Em outros termos, e muito particularmente no caso das sociedades primitivas americanas, os índios, o chefe, - o homem de poder - detém também o monopólio da palavra. Não se deve, junto a esses selvagens, perguntar: quem é seu chefe? mas antes: quem é, entre vocês, aquele que fala? Senhor das palavras: é esse o nome que muitos grupos dão ao seu chefe [...] as sociedades indígenas não reconhecem ao chefe o direito à palavra porque ele é o chefe: elas exigem do homem destinado a ser chefe que ele prove seu domínio sobre as palavras [...] E não nos enganemos com isso. Não se trata aqui do gosto, tão vivo entre tantos selvagens, pelos belos discursos, pelo talento oratório, pelo falar pomposo [*grande parler*]. Não se trata aqui de estética, mas de política. Na obrigação exigida ao chefe de ser homem de palavra transparece com efeito toda a filosofia política da sociedade primitiva [...] O que diz o chefe? O que é uma palavra de chefe? É, antes de mais nada, um ato ritualizado. (CLASTRES, 2003, p. 170).

8 VOLTANDO AOS PARES

A volta da Chapada foi difícil. Da outra vez caí enfermo. Desta, o corpo ainda não encontrou seu corpo: entre aquele que fui e o que virá sou um istmo: “o eu antigo resistirá até o fim”.

Lembro do couro arrancado dos animais sacrificados, pendurados para escorrer sangue nos caibros de alpendre, ou numa árvore; o cabra metendo a mão entre o couro e a carne, fazendo aquele barulho de bucha esfregando no cimento. Assim é a troca de corpo.

As vozes brotam pelos poros, vozes dos romeiros, dos flagelados, vozes das mulheres amputadas por conta do Diabetes, amputadas das felicidades, dos maridos, vozes dos loucos, mendigos, dos sem herança... Vozes que retinam na cabeça como uma pergunta cética e metálica caindo no fundo da bacinha de alumínio, retornando em tempos e tempos.

Lugar antigo, pletora de memórias invisíveis nos músculos das pedras, lugar de pedra talhado no coração, almas talhadas no corpo rachado do Araripe, um aboio dos infernos, ladainha sem juízo. “Terra de gente braba”.

Acordei hoje com o corpo empapado de insetos, formigando de suor.

Velha cética se fingindo de louca na Casa das Imagens, cemitério comendo a missa, imagens que não deixam se fingir de mouco.

Houve quem chorasse feito criança, na despedida. Abraçados, soluçando, dava pra sentir o coração palpitar nos dedos em suas costas. Dali pra frente só ao Destino pertencia. Destino sentido nos lombos, estalando como couro de cobra no fogo do braseiro.

A roda gira. Hoje por cima de ontem e o tempo vem vencendo.

Nada de novo pro sertão dar confiança. Quem sabe o Destino, essa “obrigação” de ter um caminho cruzado, de fazer por onde o encontro não se desperdice, que tolice!, de fazer descer ao vinco do encontrado, quem sabe a Vida nos recria novamente?



Figura 71 – Igreja onde está enterrado o Padre Cícero, Juazeiro do Norte



Figura 72 – Devotos de Padre Cícero (1)

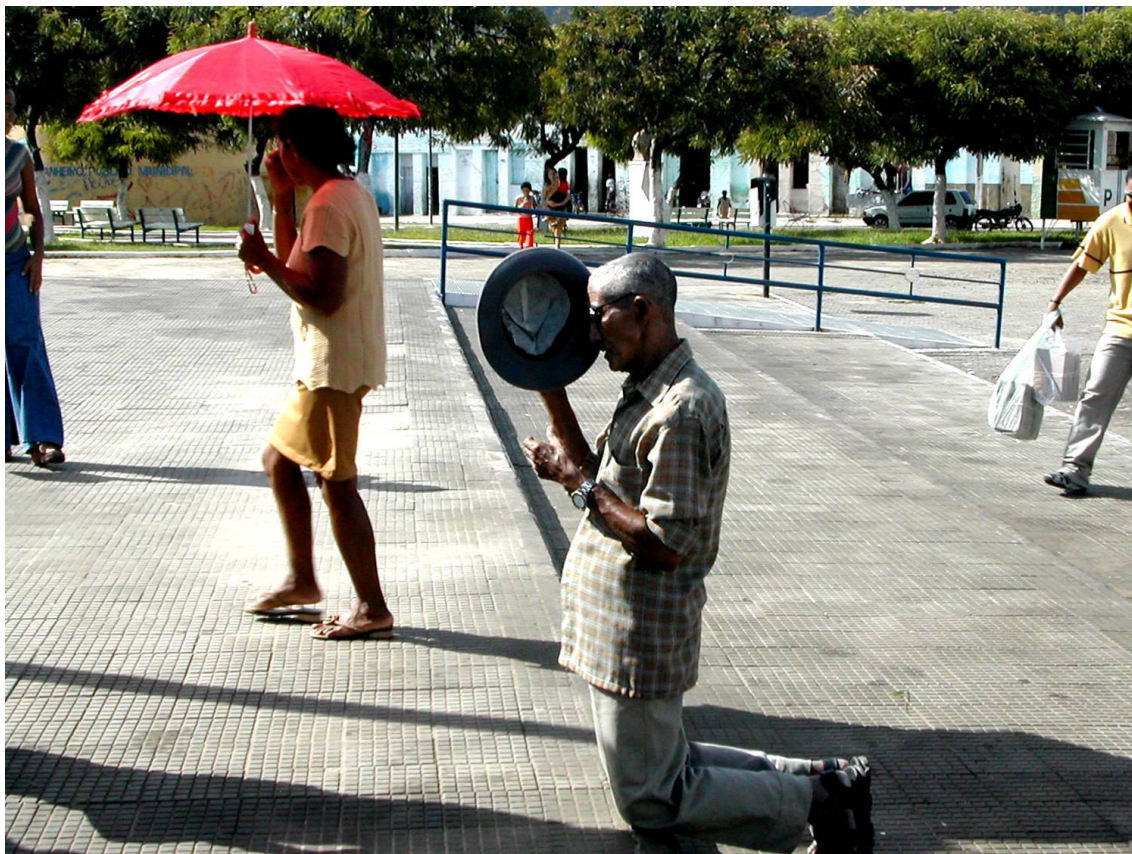


Figura 73 – Devotos de Padre Cícero (2)